

Título original
EL BOXEADOR POLACO

Copyright © 2008 by Eduardo Halfon

Copyright da edição brasileira © 2014 by Editora Rocco Ltda.

Todos os direitos reservados inclusive o de reprodução
no todo ou em parte sob qualquer forma.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

coordenador da coleção
JOCA REINERS TERRON

preparação de originais
JULIA WÄHMANN

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

H181b Halfon, Eduardo, 1971-
O boxeador polaco/Eduardo Halfon; tradução de
Lui Fagundes. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
(Outra língua)
14 cm x 21 cm

Tradução de: El boxeador polaco.
ISBN 978-85-325-2947-3

I. Ficção guatemalteca. I. Fagundes, Lui. II. Título.
III. Série.

14-14708

CDD-863.7
CDU-821.134.2-3

Sumário

Distante 9

Twaineando 47

Fumaça branca 63

Epístrofe 71

O boxeador polaco 95

Discurso de Póvoa 113

A escrita no espelho,
por Antônio Xerxenesky 121

O boxeador polaco

69752. Que era seu número de telefone. Que o tinha tatuado ali, no seu antebraço esquerdo, para não esquecer. Isso me dizia meu avô. E nisso eu acreditei enquanto crescia. Nos anos setenta, os números telefônicos do país tinham cinco dígitos.

Eu o chamava de Oitze, porque ele me chamava de Oitze, que em ídiche significa alguma coisa brega. Gostava de seu sotaque polaco. Gostava de molhar o mindinho (único traço físico que herdei dele: esse par de mindinhos cada dia mais tortos) em seu copinho de uísque. Gostava de pedir a ele que fizesse desenhos, ainda que na verdade só sabia fazer um único desenho, traçado vertiginosamente, sempre idêntico, de um sinuoso e desfigurado chapéu. Gostava da cor de beterraba do molho (jrein, em ídiche) que ele derramava sobre seu bolinho branco de peixe (guefiltefish, em ídiche). Gostava de acompanhá-lo em suas caminhadas pelo bairro, esse mesmo bairro onde uma noite, no meio de um imenso terreno

baldio, havia se espatifado um avião cheio de vacas. Mas acima de tudo gostava daquele número. Seu número.

Não demorei muito, no entanto, a perceber a sua brincadeira telefônica, e a importância psicológica dessa brincadeira, e eventualmente, ainda que ninguém nunca admitisse, a origem histórica desse número. Então, quando caminhávamos juntos ou quando ele se punha a desenhá-la para mim uma série de chapéus, eu ficava vendo aqueles cinco dígitos e, estranhamente feliz, brincava de inventar a cena secreta de como ele os havia conseguido. Meu avô curvado de costas em uma cama de hospital enquanto, montado sobre ele, um imenso comandante alemão (vestido de couro negro) gritava número por número a uma anêmica enfermeira alemã (também vestida de couro negro) e ela então ia entregando-lhe, um por um, os ferros quentes. Ou meu avô sentado em um banquinho de madeira em frente a uma meia-lua de alemães em batas brancas e luvas brancas e luzes brancas amarradas ao redor de suas cabeças, como nas de mineiros, quando de repente um dos alemães balbuciava um número e entrava um palhaço de monociclo e todas as luzes brancas o iluminavam de branco enquanto o palhaço – com um grande marcador cuja mágica tinta verde jamais se apagava – escrevia esse número sobre o antebraço de meu avô, e todos os cientistas alemães aplaudiam. Ou meu avô, de pé na frente de uma bilheteria de cinema, enfiando o braço

esquerdo através da redonda abertura no vidro por onde se entregam os bilhetes, e então, do outro lado do guichê, uma alemã gorda e peluda se punha a ajustar os cinco dígitos em um destes carimbos de data variável que os bancos usam (os mesmos carimbos que meu papai mantinha sobre a escrivaninha de seu escritório e com os quais eu tanto gostava de brincar), e logo, como se fosse uma data importantíssima, estampava-a com ímpeto e para sempre no antebraço de meu avô.

Assim brincava eu com seu número. Clandestinamente. Hipnotizado por aqueles cinco dígitos verdes e misteriosos que, muito mais que no antebraço, me parecia que ele levava tatuados em alguma parte da alma.

Verdes e misteriosos até há pouco.

À meia tarde, sentado no seu velho sofá de couro cor de manteiga, estava tomando um uísque com meu avô.

Notei que o verde já não era verde, e sim um acinzentado diluído e pálido que me fez pensar em algo apodrecendo. O 7 quase havia se amalgamado com o 5. O 6 e o 9, irreconhecíveis, eram agora dois volumes sem substância, disformes, fora de foco. O 2, em plena fuga, dava a impressão de se haver separado uns quantos milímetros de todos os demais. Observei o rosto de meu avô e imediatamente me dei conta de que naquele jogo de criança, em cada uma daquelas fantasias de criança, havia-o imaginado já velho, já avô. Como se tivesse nascido um avô

ou como se tivesse envelhecido para sempre no momento mesmo que recebeu aquele número que eu agora examinava com tanta meticulosidade.

Foi em Auschwitz.

A princípio não estava seguro de tê-lo escutado. Ergui os olhos. Ele estava tapando o número com a mão direita. Uma chuvinha ronronava sobre as telhas.

Isto, disse esfregando suavemente o antebraço. Foi em Auschwitz, disse. Foi com o boxeador, disse sem me olhar e sem emoção alguma e usando um sotaque que já não era o seu.

Gostaria de ter perguntado a ele o que sentiu quando finalmente, depois de quase sessenta anos de silêncio, disse algo de verdadeiro sobre a origem do número. Perguntar por que havia dito para mim. Perguntar se soltar palavras armazenadas durante tanto tempo provoca algum efeito liberador. Perguntar se palavras armazenadas durante tanto tempo têm o mesmo gostinho ao deslizarem ásperas sobre a língua. Mas fiquei calado, impaciente, escutando a chuva, temendo algo, talvez a violenta transcendência do momento, talvez que já não me dissesse nada mais, talvez que a verdadeira história por trás desses cinco dígitos não fosse tão fantástica como todas as minhas versões de criança.

Ponha um dedo mais, eh, Oitze, me disse entregando-me o copinho.

Eu pus, sabendo que se minha avó regressasse naquele momento de suas compras haveria reprovado. Desde que começou com os problemas cardíacos, meu avô tomava dois dedos de uísque ao meio-dia e outros dois dedos antes do jantar. Não mais. Salvo em ocasiões especiais, claro, como alguma festa ou casamento ou jogo de futebol ou aparição televisiva de Isabel Pantoja. Mas pensei que estava juntando forças para aquilo que queria me contar. Depois pensei que, bebendo além da conta em seu atual estado físico, aquilo que queria me contar poderia alterá-lo, possivelmente demais. Se recostou sobre o velho sofá e gozou o primeiro gole adocicado e eu lembrei que uma vez, quando criança, o escutei dizendo à minha avó que precisava comprar mais Etiqueta Roja, o único uísque que ele tomava, quando eu tinha acabado de descobrir mais de trinta garrafas guardadas na despensa. Novinhas. E falei isso. E meu avô me respondeu com um sorriso cheio de mistério, com uma sabedoria cheia de algum tipo de dor que eu jamais entenderia: E se houver guerra, Oitze.

Ele estava distante. Tinha o olhar opaco e fixo em um grande janelão por onde se podiam contemplar as ondas de chuva caindo sobre quase toda a imensidão do verde barranco da Colônia Elgin. Não parava de mastigar algo, uma semente ou tranqueira ou algo assim. Então, me dei

conta de que ele estava com a calça de gabardina desabotoada e a braguilha aberta até o meio.

Estive no campo de concentração de Sachsenhausen. Perto de Berlim. Desde novembro de trinta e nove.

E lambeu os beijos, bastante, como se o que acabara de dizer fosse comestível. Continuava cobrindo o número com a mão direita enquanto, com a esquerda, segurava o copinho sem uísque. Peguei a garrafa e perguntei se queria que eu servisse um pouco mais, mas não respondeu ou talvez não me escutou.

Em Sachsenhausen, perto de Berlim, continuou, havia dois blocos de judeus e muitos blocos de alemães, talvez cinquenta blocos de alemães, muitos prisioneiros alemães, ladrões alemães e assassinos alemães e alemães que haviam casado com judias. Rassenschande, diziam-lhes em alemão. A vergonha da raça.

Ficou calado de novo e me pareceu que seu discurso era como uma sossegada sucessão de marolas. Talvez porque a memória também é pendular. Talvez porque a dor só se tolera em doses. Queria pedir que me falasse de Lodz e de seus irmãos e de seus pais (guardava uma foto familiar, uma só, que havia conseguido muitos anos mais tarde por meio de um tio que emigrou antes de explodir a guerra, e que mantinha pendurada junto à sua cama, e que para mim não significava nada, como se aqueles pálidos rostos não fossem pessoas reais e sim personagens apaga-

dos e anônimos arrancados de algum livro escolar de história), pedir que me falasse de tudo aquilo que lhe havia acontecido antes de trinta e nove, antes de Sachsenhausen.

Amainou um pouco a chuva e das entranhas do barranco começou a subir uma nuvem branca e saturada.

Eu era stubendienst de nosso bloco. O encarregado do nosso bloco. Trezentos homens. Duzentos e oitenta homens. Trezentos e dez homens. Cada dia alguns mais, cada dia alguns menos. Entende, Oitze, me disse como uma afirmação, não como uma pergunta, e eu pensei que estava se certificando da minha presença, da minha companhia, como para não ficar sozinho com as palavras. Disse, e levou uma comida invisível aos lábios: Eu era o encarregado de conseguir o café pelas manhãs e depois, pelas tardes, a sopa de batata e o pedaço de pão. Disse, e abanou o ar com a mão: Eu era o encarregado da limpeza, de varrer, de limpar os catres. Disse, e continuou abanando o ar com a mão: Eu era o encarregado de retirar os corpos daqueles homens que amanheciam mortos. Disse, quase brindando: Mas também era o encarregado de receber os judeus novos quando chegavam ao meu bloco, quando gritavam em alemão juden eintreffen, juden eintreffen, e eu saía para recebê-los e me dava conta de que quase todos os judeus que chegavam ao meu bloco traziam escondido algum objeto valioso. Alguma correntinha ou relógio ou anel ou diamante. Alguma coisa. Bem guardado. Bem

oculto em alguma parte. Algumas vezes tinham engolido, e então uns dias depois saía junto com a merda.

Me mostrou seu copinho e eu servi outro jorro de uísque.

Era a primeira vez que escutava meu avô dizer merda, e a palavra, nesse momento, nesse contexto, me pareceu bela.

Por que você, Oitze?, perguntei, aproveitando um breve silêncio. Ele franziu o cenho e cerrou um pouquinho os olhos e ficou me olhando como se de repente falássemos línguas diferentes. Por que o nomearam encarregado?

E em seu velho rosto, em sua velha mão que havia acabado já de gesticular e agora estava tapando de novo o número, compreendi todas as implicações desta pergunta. Compreendi a pergunta disfarçada dentro desta pergunta: o que você teve de fazer para que o nomeassem encarregado? Compreendi a pergunta que jamais se pergunta: o que você teve de fazer para sobreviver?

Sorriu, encolhendo os ombros.

Um dia, nosso lagerleiter, nosso diretor, apenas me anunciou que eu seria o encarregado, e foi isso.

Como se pudesse dizer o indizível.

Ainda que muito antes, prosseguiu depois de tomar um trago, em trinta e nove, quando eu recém havia chegado a Sachsenhausen, perto de Berlim, nosso lagerleiter me descobriu uma manha escondido debaixo do catre. Eu não

queria ir trabalhar, entende, e pensei que poderia ficar todo o dia escondido debaixo do catre. Não sei como, o lagerleiter me encontrou escondido debaixo do catre e me arrastou para fora e começou a me golpear aqui, no cóccix, com uma vareta de madeira ou talvez de ferro. Não sei quantas vezes. Até que perdi a consciência. Estive dez ou doze dias de cama, sem poder caminhar. Desde então o lagerleiter mudou seu tratamento para comigo. Me dizia bom-dia e boa-noite. Me dizia que gostava como mantinha meu catre limpo. E um dia me disse que eu seria o stubendienst, o encarregado de limpar meu bloco. Assim, sem mais.

Ficou pensativo, sacudindo a cabeça.

Não lembro seu nome, nem sua cara, disse, mastigou algo um par de vezes, cuspiu para um lado e, como se isso o absolvesse, como se isso fosse suficiente, acrescentou: Suas mãos eram muito bonitas.

Sem chance. Meu avô mantinha suas próprias mãos impecáveis. Semanalmente, sentados em frente a um televisor cada vez mais barulhento, minha avó arrancava-lhe as cutículas com um pequeno alicate, cortava-lhe as unhas e as lixava e depois, enquanto fazia o mesmo com a outra mão, deixava-as de molho em uma pequena baciazinha cheia de um líquido viscoso e transparente e com cheiro de verniz. Ao terminar as duas mãos, pegava um pote azul de Nivea e ia untando e massageando o creme

esbranquiçado em cada dedo, devagar, com ternura, até que ambas as mãos o absorviam por completo e meu avô então voltava a colocar o anel de pedra negra que usava no mindinho direito, desde quase sessenta anos, em sinal de luto.

Todos os judeus, ao entrarem, davam a mim esses objetos que traziam em segredo a Sachsenhausen, perto de Berlim. Entende. Já que eu era o encarregado. E eu recebia esses objetos e os negociava também em segredo com os cozinheiros polacos e conseguia para os judeus que chegavam algo ainda mais valioso. Trocava um relógio por um pedaço a mais de pão. Uma corrente de ouro por um pouco mais de café. Um diamante pela última concha da panela de sopa, a concha mais desejada da panela de sopa, onde sempre estavam submersas as únicas duas ou três batatas.

Começou outra vez o murmúrio sobre as telhas e eu me pus a pensar nessas duas ou três batatas insípidas e re-cozidas e, dentro de um mundo demarcado por arame farpado, tanto mais valiosas que qualquer brilhoso diamante.

Um dia, decidi dar ao lagerleiter uma moeda de vinte dólares em ouro.

Peguei meus cigarros e fiquei brincando com um. Podia dizer que não o acendi por pena, por respeito a meu avô, por reverência a essa moeda de vinte dólares em ouro

que imediatamente imaginei negra e oxidada. Mas prefiro não dizer.

Decidi dar uma moeda de vinte dólares em ouro ao lagerleiter: Talvez acreditei que havia obtido a confiança do lagerleiter ou talvez desejasse ficar bem com o lagerleiter. Um dia, no grupo de judeus que chegava, veio um ucraniano e me entregou uma moeda de vinte dólares em ouro. O ucraniano a tinha escondido embaixo da língua. Dias e dias com uma moeda de vinte dólares em ouro escondida embaixo da língua, e o ucraniano me entregou, e eu esperei que todos saíssem do bloco e fossem trabalhar no campo e então cheguei no lagerleiter e a dei para ele. O lagerleiter não me disse nada. Só a guardou no bolso superior de sua jaqueta, deu meia-volta e foi embora. Alguns dias depois, me acordaram à meia-noite com um pontapé no estômago. Me empurraram para fora e ali estava de pé o lagerleiter, vestido com um impermeável negro e com as mãos atrás das costas, e então me dei conta e entendi por que continuavam me golpeando e me chutando. Havia neve no chão. Ninguém falava. Me jogaram na parte traseira de um caminhão e fecharam a portinhola e eu fiquei meio adormecido e tremendo durante todo o trajeto. Já era dia quando o caminhão finalmente se deteve. Por uma fresta da madeira pude ver o grande letrreiro sobre o portão de metal. Arbeit Macht Frei, dizia. O trabalho liberta. Escutei risadas. Mas risadas cínicas,

entende, risadas obscenas, como se estivessem escarne-
cendo de mim através desse estúpido letreiro. Abriram
a portinhola. Ordenaram que descesse. Havia neve por
todas as partes. Vi o Muro Negro. Depois vi o Bloco Onze
de Auschwitz. Sabíamos que as pessoas que iam para
o Bloco Onze de Auschwitz nunca regressavam. Me dei-
xaram estirado no solo de um calabouço do Bloco Onze
de Auschwitz.

Em um gesto inútil, mas de alguma maneira neces-
sário, meu avô levou aos lábios o copinho já sem nada de
uísque.

Era um calabouço escuro. Muito úmido. De teto bai-
xo. Quase não havia luz. Nem ar. Só umidade. E pes-
soas amontoadas. Muitas pessoas amontoadas. Algumas
pessoas chorando. Outras pessoas rezando em sussurros
o Kaddish.

Acendi meu cigarro.

Era hábito do meu avô dizer que eu tinha a idade dos
semáforos, porque o primeiro semáforo do país fora ins-
talado não sei em que esquina do centro no mesmo dia
que eu nasci. Também estava empolgado diante de um se-
máforo quando perguntei à minha mamãe como chega-
vam os bebês às barrigas das mulheres. Eu estava meio
fincado sobre o assento traseiro de um Volvo imenso e cor
de jade que, por alguma razão, trepidava ao parar nos se-

máforos. Não falei que um amigo (Hasbun) nos havia
segredado durante o recreio que uma mulher ficava grá-
vida quando um homem lhe dava um beijo na boca, e que
outro amigo (Asturias) havia argumentado, com mui-
to mais audácia, que um homem e uma mulher teriam
de ficar nus juntos e depois banhar-se juntos e depois até
dormir juntos em uma mesma cama, sem ter de tocar-se.
Fiquei de pé nesse maravilhoso espaço situado entre o as-
sento traseiro e os dois assentos da frente, e aguardei uma
resposta. O Volvo trepidando diante de um semáforo ver-
melho do bulevar Vista Hermosa, o céu inteiramente azul,
o cheiro de tabaco e chiclete de anis, o olhar negro e açu-
carado de um camponês de sandálias que chegou perto
para nos pedir esmola, a vergonha silenciosa de minha
mamãe tratando de encontrar algumas palavras, as se-
guintes palavras: Pois quando a mulher quer um bebê,
vai ao médico e este lhe dá um comprimido azul-celeste
se ela quer um menininho ou lhe dá um comprimido
cor-de-rosa se ela quer uma menininha, e então a mulher
toma este comprimido e já aconteceu, fica grávida. O se-
máforo mudou para verde. O Volvo deixou de trepidar
e eu, ainda de pé, segurando-me em qualquer coisa para
não sair voando, imaginei a mim mesmo metido em um
pequeno frasco de vidro, bem misturado entre um montão
de menininhos azul-celeste e menininhas cor-de-rosa,

meu nome gravado em baixo-relevo (igual à palavra Bayer nas aspirinas que tomava de vez em quando e que para mim tinham sabor de gesso), imóvel e quietinho enquanto esperava que alguma senhora chegasse à clínica do médico (observei-a ampla e disforme através do cristal, como em um desses espelhos ondulados de circo) e me engolisse com um pouquinho de água (e percebi, com a percepção ingênua de um menino, certamente, a crueldade do azar, a violência casual que me derrubaria sobre a mão aberta de alguma senhora, qualquer senhora, essa mão grande e suada e fortuita que logo me lançaria até uma boca igualmente grande e suada e fortuita), para assim, por fim, introduzir-me em uma pança desconhecida e poder nascer. Jamais consegui me livrar da sensação de solidão e abandono que senti enfiado naquele frasco de vidro. Às vezes a esqueço ou quiçá decido esquecê-la ou quiçá, absurdamente, asseguro para mim mesmo que já a esqueci por completo. Até que algo, qualquer coisa, a mais mínima coisa, me coloca de novo naquele frasco. Por exemplo: minha primeira experiência sexual, aos 15 anos, com uma prostituta de um bordel de cinco pesos chamado El Puente. Por exemplo: um quarto errado ao final de uma viagem balcânica. Por exemplo: um canário amarelo que, no meio da praça de Tecpán, escolheu uma profecia secreta e rosadinha. Por exemplo: a mão gelada de um amigo tarta-

mudo, estreitada pela última vez. Por exemplo: a imagem claustrofóbica do calabouço escuro e úmido e apertado e saturado de sussurros onde estive encerrado meu avô, sessenta anos atrás, no Bloco Onze, em Auschwitz.

Pessoas choravam e pessoas rezavam o Kaddish.

Aproximei o cinzeiro. Me sentia um pouco zozzo, mesmo assim nos servi o que restava do uísque.

O que mais sobra a alguém quando sabe que no dia seguinte vão fuzilá-lo, eh. Nada mais. Ou se lança a chorar ou se lança a rezar o Kaddish. Eu não sabia o Kaddish. Mas essa noite, pela primeira vez na minha vida, também rezei o Kaddish. Rezei o Kaddish pensando em meus pais e rezei o Kaddish pensando que no dia seguinte me fuzilariam ajoelhado de frente para o Muro Negro de Auschwitz. Já era o ano de quarenta e dois e todos havíamos ouvido falar do Muro Negro de Auschwitz e eu mesmo havia visto esse Muro Negro de Auschwitz ao descer do caminhão e sabia muito bem que era onde fuzilavam. Gnadenschuss, um só tiro na nuca. Mas o Muro Negro de Auschwitz não me pareceu tão grande como eu imaginava. Tampouco me pareceu tão negro. Era negro com manchinhas brancas. Por toda parte tinha manchinhas brancas, disse meu avô enquanto pressionava teclas aéreas com o indicador e eu, fumando, imaginava um céu estrelado. Disse: Salpicos brancos. Disse: Feitos talvez pelas mesmas balas depois de atravessar tantas nuca.

Estava muito escuro no calabouço, continuou rapidamente, como para não se perder nessa mesma escuridão. E um homem sentado ao meu lado começou a falar comigo em polaco. Talvez me ouviu rezando o Kaddish e reconheceu meu sotaque. Ele era um judeu de Lodz. Nós dois éramos judeus de Lodz, mas eu era da rua Zeromskiego, perto do mercado Żelony Rinek, e ele do lado oposto, perto do parque Poniatowski. Ele era um boxeador de Lodz. Um boxeador polaco. E falamos toda a noite em polaco. O mais certo é que ele falou toda a noite em polaco. Me disse em polaco que já estava havia muito tempo ali, no Bloco Onze, e que os alemães o mantinham vivo porque gostavam de vê-lo boxear. Me disse em polaco que no dia seguinte me julgariam e me disse em polaco que coisas dizer durante esse julgamento e que coisas não dizer durante esse julgamento. E assim aconteceu. No dia seguinte dois alemães me sacaram do calabouço, me levaram com um jovem judeu que me tatuou este número no braço e depois me deixaram em um escritório onde aconteceu meu julgamento, diante de uma senhorita, e eu me salvei dizendo à senhorita tudo o que o boxeador polaco me havia dito para dizer e não dizendo à senhorita tudo o que o boxeador polaco me havia dito para não dizer. Entende. Usei suas palavras e suas palavras me salvaram a vida e eu jamais soube o nome do boxeador polaco nem conheci seu rosto. Possivelmente morreu fuzilado.

Esmaguei meu cigarro no cinzeiro e empinei o último golinho de uísque. Queria perguntar algo sobre o número ou sobre aquele jovem judeu que o tatuou. Mas só perguntei o que lhe havia dito o boxeador polaco. Ele pareceu não entender minha pergunta e então eu a repeti, um pouco mais ansioso, um pouco mais áspero. Que coisas, Oitze, lhe disse o boxeador que dissesse ou não dissesse durante aquele julgamento?

Meu avô riu ainda confuso e se jogou para trás e eu lembrei que ele se negava a falar em polaco, que ele levava sessenta anos negando-se a dizer uma só palavra em sua língua materna, na língua materna daqueles que, em novembro de trinta e nove, dizia ele, o haviam traído.

Nunca soube se meu avô não recordava as palavras do boxeador polaco, ou se optou por não me dizê-las, ou se simplesmente já não importavam, se já haviam cumprido seu propósito como palavras e então haviam desaparecido para sempre junto com o boxeador polaco que numa noite escura as pronunciou.

Uma vez mais, fiquei vendo o número de meu avô, 69752, tatuado numa manhã de inverno de quarenta e dois, por um jovem judeu, em Auschwitz. Tentei imaginar o rosto do boxeador polaco, imaginar seus punhos, imaginar o possível esguicho branco que havia feito a bala depois de atravessar a sua nuca, imaginar suas palavras em

polaco que lograram salvar a vida de meu avô, mas só consegui imaginar uma fila eterna de indivíduos, todos nus, todos pálidos, todos magérrimos, todos chorando e rezando o Kaddish em absoluto silêncio, todos devotos de uma religião cuja fé está baseada nos números enquanto esperam em fila para eles mesmos serem numerados.

Discurso de Póvoa

Faz algumas semanas, recebi por e-mail o tema deste encontro, “A literatura rasga a realidade”, uma frase muito bonita, mas que ao final me deixou totalmente confuso. A primeira coisa que fiz depois de coçar a calva durante uns minutos, foi escrever a Manuela Ribeiro, a diretora do Festival Correntes D’Escritas, para pedir-lhe ajuda e perguntar se o tema era o cruzamento entre literatura e realidade, ou a irrupção da realidade na literatura, ou melhor a irrupção da literatura na realidade, ou o quê. E ela imediatamente me escreveu de volta: Isso mesmo. A segunda coisa que fiz, então, ao ver os nomes dos participantes do encontro, foi escrever a João Paulo Cuenca, pedindo-lhe que por favor me explicasse este assunto de como é que a literatura rasga a realidade. Mas igualmente confuso ou nervoso ou talvez escrevendo já seus próprios quinze minutos – o tempo que nos foi sugerido –, meu amigo brasileiro não demorou em me responder: Eu também não faço ideia. Então, nessa noite me pus a ver um filme de Ingmar Bergman e assim me distraí um pouco. Mas depois, quan-

do quis dormir, voltou-me o tema desta palestra e fiquei dando voltas na cama. E já desesperado, isso às cinco ou seis de uma madrugada muito fria, meus pensamentos voltaram ao filme de Bergman e me dei conta de que ali mesmo, no final do filme, estava minha resposta. Esse, porém, é o final destes quinze minutos, e é melhor iniciar pelo princípio.

Minha insônia, suspeito, instigou o tema da realidade – ainda que nesse ínterim, devo acrescentar, também estava sofrendo mentalmente para conseguir um visto de turista para Belgrado, trâmite de magnitudes kafkianas para visitar essa agraciada cidade onde, justo antes de chegar aqui, a Póvoa do Varzim, passei uns insólitos dias perseguindo um fantasma.

Que é a realidade? Não sei. Como concebo a realidade? Ainda menos. Mas por sorte entendi que este não seria um encontro epistemológico, e então, graças a Deus, descartei de imediato qualquer reflexão sobre o conhecimento da realidade. E cheguei, portanto, a esse estranho verbo: rasgar. Supus, deitado de costas na escuridão, que o verbo rasgar significa o mesmo em português que em espanhol e, evitando sua acepção musical – de rasgar um violão –, me centrei no ato de romper algo, de cortá-lo, de rasgá-lo, de fazê-lo em pedaços. Lembro que imaginei três coisas. Um: alguém rasgando um pedaço de tecido. Dois: o vidro quebrado (rasgado) de um carro. Três: o ruído que

produz rasgar ao meio uma folha de papel. Partindo destas imagens (eu, ao escrever ou ao querer entender qualquer coisa, que é dizer quase o mesmo, constantemente parto de imagens), me perguntei de que maneira a literatura poderia rasgar a realidade: como se a realidade fosse um pedaço de tecido?, como se a realidade fosse o vidro de um carro?, como se a realidade fosse uma folha de papel? E me ocorreu que a única possibilidade de conseguir entender algo, ou ao menos fazer a tentativa ou a simulação de entendê-lo, é volver-se sobre a própria experiência. Assim: que vínculo existe, em minha experiência como escritor, entre a literatura e a realidade? Ou assim: como é que a minha literatura tem rasgado a realidade? O processo sempre é o do fogo quente, no dedo, no cérebro, no grito. Isto é, indutivo.

Pensei então, inevitavelmente, na história de meu avô polaco em Auschwitz. Uma história que, até que ele contou para mim, ninguém na família sabia. Ao chegar à Guatemala depois da guerra, ele emudeceu sobre tudo. Se negava a falar do tempo que passou nos diferentes campos de concentração. Quando eu era criança me dizia, por exemplo, que os cinco dígitos verdes em seu antebraço esquerdo eram seu número telefônico, e que havia tatuado ali para não esquecer-lo. Mas faz alguns anos, seis ou sete talvez, não sei como me atrevi a perguntar se podia entrevistá-lo. Para saber um pouco, para inteirar-me, para

fazer constar (para não dizer evidenciar), para quem sabe depois contar a história eu mesmo. E meu avô, com absoluta tranquilidade, me disse que sim, que com satisfação. Combinamos o dia e a hora e eu consegui emprestada uma filmadora e o filmei falando – pela primeira vez em quase sessenta anos – de sua captura em Lodz enquanto jogava dominó com uns amigos, do último dia que viu sua família, de sua passagem por diversos campos de concentração, do boxeador polaco que, segundo me disse, salvou sua vida em Auschwitz. E essa breve e simples história do boxeador polaco me pareceu poderosamente literária. Algo assim: Meu avô está no campo de concentração de Sachsenhausen. Aceita, de um novo prisioneiro, uma moeda de vinte dólares em ouro que depois usará para lhe conseguir mais comida, mais sopa. O descobrem, o açoitam e o enviam ao Bloco Onze de Auschwitz, para ser fuzilado em frente ao já conhecido Muro Negro. Essa noite, isto é, a noite antes de ser julgado, o enfiam em uma masmorra cheia de gente e ali conhece um boxeador polaco. Falam o mesmo idioma. São do mesmo povo. O boxeador polaco ainda está vivo – se subentende – porque os soldados alemães gostam de vê-lo boxear – se presume, e não sem certa licença –: como a um galo em um rinha-deiro. Velho e experimentado residente do Bloco Onze de Auschwitz, então, o boxeador polaco passa a noite toda dizendo a meu avô o que dizer e o que não dizer durante seu julgamento no dia seguinte. E no dia seguinte, meu

avô diz e não diz o que o boxeador polaco lhe havia dito que dissesse ou não dissesse e assim, com efeito, se salva. Ponto-final. De imediato gostei dessa história, acaso por sua simplicidade ou sua aparente simplicidade, acaso por suas implicações do uso da palavra para salvar, para salvar-nos. Tinha já – inclusive filmada – a realidade. E devia agora levá-la à literatura. Mas, como contar essa realidade? Sob que ponto de vista? Desde que momento? Tentei de muitas maneiras e empregando várias técnicas narrativas até que, finalmente, seis ou sete anos depois de levar essa história comigo – embaixo do braço, como descreveria um amigo em seu apartamento de Conde de Xiquena –, consegui escrevê-la em um conto onde um neto entrevista seu avô sobre sua experiência em Auschwitz, enquanto contempla esses cinco dígitos verdes e juntos tomam uma garrafa de uísque. E foi assim. Pronto. Havia conseguido levar a realidade à literatura; havia conseguido, através da literatura, penetrar uma realidade. Tudo lindo e perfeito e com cheiro de coisa impressa. Até há pouco. Uma manhã, abri o suplemento dominical de um jornal guatemalteco e, antes de poder tomar o primeiro gole de café, vi meu avô fotografado em seu sofá de couro cor de manteiga, mostrando esses cinco dígitos verdes e descorados e dizendo, em uma entrevista, que se salvou em Auschwitz devido a – tive que ler duas vezes –: suas habilidades de carpinteiro.

Quê? Carpinteiro? Que habilidades de carpinteiro? E então? Que aconteceu com o boxeador polaco, com Sherazade em disfarce?

E aí está.

A literatura não é mais que um bom truque, como o de um mago ou um bruxo, que faz a realidade parecer inteira, que cria a ilusão de que a realidade é única. Ou talvez a literatura precise construir uma realidade destruindo outra – algo que, de um modo muito intuitivo, já sabia meu avô –, isto é, destruindo-se a si mesma e depois construindo-se de novo a partir de seus próprios escombros. Ou talvez a literatura, como sustentava um velho amigo do Brooklyn, não é mais que o discurso atropelado e ziguezagueante de um gago.

Algo assim estava raciocinando e cismando durante aquela fria madrugada de insônia, a ponto de entender ou ao menos encontrar alguma coisa importante, quando de repente, já fumando um cigarro na cama, lembrei de Ingmar Bergman.

O filme se chama *Skammen*, em sueco, *Vergüenza*, em espanhol, *Vergonha*, em português. E é sobre a experiência de um casal de músicos que se refugia em uma ilha durante a guerra civil sueca, ainda que é Bergman, e então é muito mais do que isso. Algo assim: Depois de perder tudo – sua casa, seus pertences, seu matrimônio, sua dignidade, até sua vergonha –, o casal sobe a um barco de refugia-

dos buscando fugir da ilha e da guerra. O motor do barco se estrophia e ficam perdidos no meio do mar. Repartem entre eles as últimas fatias de pão, os últimos torrões de açúcar, as últimas gotas de água. Um homem se suicida. O barco estanca – em uma imagem esplendidamente horrorosa – entre uma batelada de cadáveres flutuantes. E durante a cena final, a formosa Liv Ullman, numa voz lacônica e perdida que antecipa sua morte, nos conta um sonho. Diz: Tive um sonho. Eu ia caminhando por uma rua magnífica. De um lado, as casas eram brancas, com grandes arcos e pilares. Do outro, havia um frondoso parque. Entre as árvores corria um regato com água verde. Finalmente cheguei a uma parede alta coberta de rosas. E passou um avião e incendiou as rosas. Mas não aconteceu nada, porque era uma imagem bela. Olhei a água e vi como ardiam as rosas. Eu levava uma menina no colo. Nossa filha. Ela se abraçou com força em mim. Cheguei até a sentir sua boca contra minha bochecha. Todo esse tempo sabia que tinha algo que não devia esquecer. Algo que me havia dito alguém. Mas eu esqueci.

Assim, exatamente, é a literatura. Ao escrever sabemos que há algo muito importante a dizer com respeito à realidade, e que temos esse algo ao alcance, ali, muito perto, na ponta da língua, e que não devemos esquecer. Mas sempre, sem dúvida, esquecemos.